

PAULO RENATO DA SILVA, MARIO AYALA
FABRICIO PEREIRA DA SILVA , FERNANDO JOSÉ MARTINS
(COMPILADORES)

LUTAS, EXPERIÊNCIAS E DEBATES NA AMÉRICA LATINA

**Anais das IV Jornadas Internacionais de Proble-
mas Latino-Americanos**

Foz do Iguaçu
Imago Mundi / PPG - IELA UNILA
2015

O movimento anarquista no Brasil durante a Primeira República

Jocenildo Teixeira de Souza (Universidade Federal do Amapá; jocenildoteixeira@gmail.com)

Resumo: Este artigo buscou investigar e compreender as contribuições políticas do movimento anarquista no início do século XX, analisar o porquê dessas contribuições serem relegadas às margens da história. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, cuja mesma aponta para fatores combinados como responsáveis por quase obliterar da memória historiográfica o movimento anarquista no Brasil.

Palavras-chave: História; Anarquismo; Brasil

Abstract: This paper aims to investigate and understand the political contributions of the anarchist movement in the early twentieth century, analyze why these contributions are relegated to the margins of history. The methodology used in this bibliographic research, which points to the same factors as combined account for almost obliterate the historiographical memory the anarchist movement in Brazil.

Keywords: History; Anarchism; Brazil.

1. Gênese da filosofia política anarquista

As origens do Anarquismo remontam o século XVIII, quando seus primeiros expoentes não se autodenominavam anarquistas, entretanto, de acordo com alguns anarquistas, há indícios de que a filosofia política tenha raízes em tempos mais remotos e em lugares diferentes no mundo (WOODCOCK, 2007, p.39).

Anarquia significa ausência de governo e não ausência de ordem, a noção pejorativa que o termo adquiriu surgiu da contra propaganda engendrada pelos meios de comunicação patronais, especialmente jornais de industriais e de padres que faziam apologias aos periódicos, fazendo com que uma parte significativa da população acreditasse que anarquia era sinônimo de badernas e desordem social.

Como os anarquistas chegaram ao Brasil, trazendo seus ideais de emancipação político social, bem como as consequências advindas desse movimento, as áreas de influência, e mais ainda

como suas consequências e foram relegados às margens da história no Brasil é o que pretendo apresentar neste tratado, o qual foi construído a partir de criteriosa pesquisa sobre a temática.

Chamo atenção para o fato de: o intento não foi obstado pela não muito vasta, porém valiosa referência teórica, em sua grande parte artigos, os quais já objetivaram a mesma linha de pesquisa sobre a qual me proponho. Concomitantemente à pesquisa, elaborei o que posso denominar de eixo central da presente dissertação, eixo esse que tem ramificações que, por si só já, seriam linhas paralelas de pesquisa, ainda que neste, sejam subjacentes.

A Anarquia deve ser compreendida, não apenas como um conceito dado, mas, como um conjunto filosófico, político mais complexo e extenso que extrapola a simples dedução do termo. Quando falamos de anarquia, sugerimos implicitamente que há um sistema de ordem social que abarque um conjunto amplo e heterogêneo numa sociedade, seja qual seja o tamanho.

Não podemos supor que pelo fato notório desse sistema de ordem social não ter sido implantado ou aceito como um pacto social livremente consentido em algum lugar e num tempo histórico registrado pelo homem que o mesmo não seja possível. É certo que por não ter existido em algum lugar acentuou ainda mais o seu caráter utópico.

Como anteriormente dissera, o anarquismo como pensamento filosófico político surgiu na Europa Ocidental do Séc. XVIII com Willian Godwin, ainda que o mesmo não se auto definisse como tal, Edgar Rodrigues aponta que houve uma pré-história do anarquismo e o Quilombo dos Palmares foi de fato uma sociedade anarquista *in* Pequena História da Imprensa Social no Brasil anarquista, de acordo com Kropotkin (WOODCOCK, 2007, p.64). O primeiro filósofo a se definir como anarquista foi o francês Pierre-Joseph Proudhon (WOODCOCK, 2007, p.10).

De acordo com Woodcock (WOODCOCK, 2007, p.10), Proudhon, além de ter sido o primeiro a identificar-se com anarquista, foi o responsável intelectual por dissipar as dúvidas e confusões que permeavam sobre o conceito de anarquismo, à medida que combateu veementemente os adversários políticos da época, teorizando sobre as bases da organização social, o que lhe angariou discípulos como Bakunin e Kropotkin, que seriam os principais referenciais para uma nova geração de anarquistas libertários que sacudiriam a Europa Ocidental e suas influências seriam sentidas no Brasil no final do século XIX.

2. Anarquismo no Brasil

A historiografia aponta a chegada do anarquismo no Brasil na segunda metade do século XIX, com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, entretanto, segundo Edgar Rodrigues, importante militante e historiador do movimento anarquista em Portugal e no Brasil, aponta para uma “pré-história” do anarquismo no Brasil, situando a experiência do Quilombo dos Palmares, lugar de refugiados negros ex escravos das primeiras colônias, como uma tentativa frutífera de construção de uma sociedade igualitária, sem governo e sem leis escritas, portanto uma sociedade anarquista na concepção da palavra, sem mesmo que seus idealizadores tivessem tal consciência, segundo Rodrigues:

A rebeldia desses povos contra as autoridades e a exploração do homem pelo seu semelhante, de 1602 a 1694, oferece-nos um exemplo colossal, um equilíbrio extraordinário numa população de 20 mil vidas, dentro dos padrões de igualdade econômica e social, com propriedade e trabalho coletivo, sem leis escritas, autoridades constituídas, que desafia a nossa interpretação e leva-nos a concluir que a forma de vida no Quilombo dos Palmares era anárquica, que as idéias dos quilombos eram libertárias. (RODRIGUES, 1996, p.1)

Ainda de acordo com Edgar Rodrigues (RODRIGUES, 1996, p.2), em 1841 foi fundada um comunidade socialista em Santa Catarina, influenciada pelas ideias de Fourier, mais tarde em 1848 na chamada “Revolução Praieira” realizada, em sua maior parte, por ourives, funileiros, barbeiros, alfaiates, lavradores e negros libertos, os quais foram alcunhados de anarquistas, tais tentativas têm claramente os germes do anarquismo em solos brasileiros.

São igualmente dignos de nota: a publicação do livro “Anarquistas e a Civilização” em 1860, a passagem pelo Brasil, no ano de 1893, do célebre anarquista Eliseu Reclus, momento em que chegam também Giovanni Rossi ao Paraná, militante italiano, membro da Associação Internacional do Trabalhador (AIT) e também Artur Campagnoli em São Paulo, anarquista italiano, além de dezenas de outros anarquistas ambos fundam respectivamente às colônias de Cecília e Guararema (RODRIGUES, 1996, p.3).

No final do século XIX e no início do século XX, houve um momento de liberdade ímpar na história da nascente república, na qual pulularam em todo o país as iniciativas de jornais, revistas e associações libertárias que tinham em comum o que ficou conhecido como A questão Social, pois os apelos pela melhoria da vida de milhões de pessoas passaram a ser a ordem do dia e esses periódicos e associações contavam com a influência de grandes anarquistas europeus, pois seus

livros eram amplamente comercializados, especialmente no Rio de Janeiro, a imprensa libertária colaborava enormemente para a disseminação dos ideais libertários (RODRIGUES, 1996, p.4).

Em 1900 com a chegada de anarquistas portugueses outros periódicos ganham destaque, além dos que já haviam sido publicados, parados e retomados, um desses portugueses foi Neno Vasco, a ele somaram forças muitos anarquistas brasileiros e simpatizantes, esses militantes, encontraram eco em suas palavras no surgente proletariado brasileiro que de acordo com Edgar Rodrigues:

O proletariado percebeu que não bastava o crescimento do Brasil, a industrialização, o progresso, a implantação da modernidade. O homem não é um conjunto de fichas catalogadas de quem se regula o futuro dos movimentos e ações. A massa, da qual tanto se fala ainda é a força balofa e amorfa, tão do agrado dos líderes políticos. O ser humano, mais cedo ou mais tarde, tem de lutar contra a sua alienação e exploração, sob pena de se negar e se deixar destruir por sistemas que ele mesmo inventou, alimentou e aperfeiçoou em seu próprio prejuízo[...]Todos os regimes conhecidos não fizeram outra coisa senão cultivar os germes das guerras, alimentar elites, hierarquias, ambições, ganância, o ódio, a vingança, a violência e o crime! Por processos diferentes, os governos vivem dos motivos que transformaram o Homem no maior inimigo do Homem (RODRIGUES, 1996, p.6).

A influência dos estrangeiros sobre a imprensa e os operários incomodou o governo, que em 1905 promulgou uma lei para expulsar “agitadores estrangeiros”, essa lei ficou conhecida como lei Adolfo Gordo (RODRIGUES, 1996, p.7). Apesar das tentativas do governo, as publicações não cessaram.

2.1 Anarquismo e Movimento Sindical

No início do século XX, impulsionado pela propaganda anarquista, o movimento operário ganha força, o que antes se limitava a irmandades, passou a ter um caráter coletivista ainda maior, com expressões e significados que começaram a incomodar as elites brasileiras. Essa percepção ficou ainda mais evidente com as pequenas greves que foram realizadas em alguns lugares no eixo da nascente indústria brasileira.

No início o movimento operário era disforme, sem essência e sem contornos claramente definidos, pois estavam juntos, anarquistas, anarcossindicalistas, socialistas e liberais descontentes

com a carga horária excessiva e os baixos salários. Neste contexto figuras importantes do movimento anarquista propunham o que mais tarde seriam deflagradas como as greves gerais que paralisariam Rio de Janeiro, Santos e São Paulo.

O movimento anarco-sindicalista brasileiro foi grandemente influenciado pela participação ativa dos trabalhadores imigrantes nas cidades de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, conforme dados historiográficos: obra marcante produzida pela corrente brasilianista Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920), de Sheldon Leslie Maram. Na introdução desta obra, Maram afirma que o anarcossindicalismo foi a doutrina política dominante no movimento operário brasileiro da primeira república (Rodrigues Júnior, 2007:5).

As greves no ano de 1907 foram o primeiro passo rumo à redução da jornada de trabalho e algumas categorias conseguiram tal conquista, graças à organização em associações e sindicatos, entretanto os líderes do movimento anarco-sindicalista discordavam dos meios para obtenção dessas e de outras conquistas, somam-se a esses embates a crescente repressão policial como afirma a Professora Doutora Maria Aparecida Macedo Pascal:

A federação operária reunia as várias categorias que discutiam as oito horas de trabalho, os baixos salários e o enfrentamento dos patrões. A repressão policial foi extremamente violenta com esta associação, que teve sua sede invadida, seus livros confiscados e seu secretário Giulio Sorelli preso. Na época percebiam-se três tendências entre os anarquistas: a que era contrária a qualquer tipo de sindicato, liderada por Oresti Ristori; a que apoiava a existência de sindicato como possibilidade de propaganda das ideias libertárias, liderada por Malatesta, tendência esta representada pelo jornal “Terra Livre”; e, finalmente, a que fazia críticas à ideia de greve no anarquismo e tentava obter realizações concretas, chamada de “sindicalismo revolucionário”. A polícia considerava os estrangeiros como perturbadores da ordem pública e semeadores da discórdia entre os trabalhadores nacionais. Nas greves de 1917 e 1919 a participação dos sindicalistas e a organização dos trabalhadores foram crescentes. Havia manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro contra o trabalho infantil e a carestia. Vários jornais libertários apoiavam a greve, entre os quais “A Plebe”, periódico comandado por Edgard Leuenroth, e “A Guerra”, de Gigi Damiani (PASCAL, 2008, p.7).

Em 1917, em meio à greve que durou vários dias, a repressão foi mais intensa, tanto patões quanto o Estado não queriam ceder às pressões das ruas, cerca de 200 militantes anarquistas morreram em prisões, muitos estrangeiros foram deportados, entretanto o movimento não recuou, apenas tomou fôlego para então reaparecer em 1919. Em 1919 uma nova onda de greves ocorreu em São Paulo, evidenciando as dificuldades vividas pelo movimento operário em virtude da Primeira Guerra, do papel desempenhado pelos anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários e da Revolução Russa de 1917, que atingiu o poder por intermédio do Partido Comunista (PASCAL, 2009, p.9).

Ressalta-se ainda que a participação ativa dos militantes tinha como embrião os congressos que eram realizados em diversas cidades, nesses congressos, os anarcossindicalistas discutiam as pautas das suas ações, dezenas de teses que seriam a base norteadora dessas ações

2.2 Movimentos sócio culturais emancipatórios

No início do século várias iniciativas foram tomadas, visando à formação de pessoas críticas e questionadoras de seus direitos, essas tentativas, muitas vezes lúdicas, foram a forma de expressar o descontentamento com a realidade enfrentada por milhares de trabalhadores. Edgar Rodrigues destaca:

[...] O jornalismo, o teatro amador de contestação e a poesia, eram alguns dos meios usados pelo movimento operário para construir sua própria cultura, tendo por meta o ideal social da autogestão. Seu objetivo era provocar a derrocada do Estado, acabar com o regime de pobres e ricos, de exploradores e explorados, para reconstruir em cima das ruínas o velho sistema burguês uma Sociedade Nova, autogerida, onde todos tivessem direitos e deveres iguais (RODRIGUES, 1996, p.8).

As iniciativas mais audaciosas dos anarquistas de então foram a de levar a educação a um nível bastante acessível, pois criaram escolas e universidades livres, autogeridas com recursos de doações e que foram a primeira tentativa de educação realmente popular não atrelada ao Estado.

A concepção das escolas e universidades populares, é creditada ao espanhol Francisco Ferrer, idealizador da Escola Moderna na Espanha, condenado a morte, por fuzilamento, no dia 13 de outubro de 1909. Entretanto, a repercussão da morte de Ferrer só fez aumentar o ímpeto dos seus seguidores em criar novas escolas racionalistas nos moldes de seu idealizador, em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, segundo Edgar Rodrigues:

Antes do fuzilamento, já fora fundada, em 1904, a Universidade Popular na sede do Sindicato dos Pintores do Rio de Janeiro e, em 1915, nascia a Universidade Moderna em São Paulo, por iniciativa de Florentino de Carvalho, um anarquista de origem espanhola [...] Para sustentar dezenas de escolas livres, fundadas por operários anarcossindicalistas e anarquistas, o proletariado formou grupos de teatro social e, enquanto fustigava a burguesia, a Igreja e o Estado com suas peças revolucionárias e anticlericais, distribuía anarquismo aos espectadores, conseguia recursos financeiros para ajudar as escolas, operários desempregados, doentes, além de presos por suas ideias, e ainda publicava prospectos, folhetos e jornais (RODRIGUES, 1996, p.8).

A tentativa de construir um conhecimento novo e emancipador era a proposta das escolas libertárias recém implantadas no país, conforme as palavras da Professora Maria Aparecida Macedo Pascal:

Os libertários opunham-se tanto às formas de produção capitalista como comunismo autoritário, contestando a existência do próprio Estado, propondo autogestão. Neste contexto, a pedagogia libertária tinha enorme importância, já que contribuía para a consciência e emancipação da classe trabalhadora. A construção de uma nova sociedade apoiava-se, em grande parte, nas ideias de uma nova educação, feita em outras bases e valores, tais como respeito à liberdade, à individualidade e, sobretudo à criança. A pedagogia anarquista acusava a escola de reproduzir os interesses da Igreja e do Estado, enquanto promovia uma renovação dos métodos e valores (PASCAL, 2009, p.9).

A partir das inúmeras experiências que os anarquistas conseguiram implantar durante o início do século XX ficava mais evidente que as ideias de emancipação ganhavam mais força entre o operariado, que por sua vez reverberava nas manifestações os apelos feitos em jornais, revistas e panfletos, portanto, ainda que como já disse, o movimento disforme e sem contornos definidos começava a incomodar os patrões, a Igreja e o Estado.

2.3 Por que o Anarquismo era temido?

À medida que se avança lentamente o século XX, o mundo ocidental é marcado por agitações políticas na Europa, e essas convulsões ganham força em escala ainda maior, a América Latina, é atingida pelos reflexos da I Guerra Mundial, no Brasil, há um contexto de fome e miséria,

momento em que o governo brasileiro aproveita para deportar milhares de estrangeiros, sob a acusação de agitação política.

Ressalta-se que a historiografia demarca o incentivo e chegada de trabalhadores estrangeiros como opção para a substituição da mão de obra escrava dos negros no Brasil. Entretanto, o que era para ser solução acabou por se tornar um agrave nos problemas, pois reconhecidamente os trabalhadores estrangeiros, a maioria militante de movimentos libertários, alguns declaradamente anarquistas subverteram a ordem, incomodaram o poder constituído e por isso foram perseguidos, presos, expulsos e mortos.

Edgar Rodrigues aponta a situação caótica em que se encontrava o Brasil durante a I Guerra:

A guerra europeia refletiu-se no Brasil pelo desemprego, gente trabalhando por comida, comício dos operários nas portas das fábricas com o propósito de pressionar o governo de Wenceslau Brás a autorizar a criação de “Feiras Livres” para vender alimentos diretos do produtor ao consumidor, isentos de impostos e livres de atravessadores. Neste período de fome no Brasil, explodiram greves de grande repercussão nacional e os governantes aproveitaram para prender, deportar e expulsar centenas de ‘agitadores estrangeiros, como foram batizados pela burguesia [...] (RODRIGUES, 1996, p.9).

O que se infere a partir dos inúmeros relatos e dados historiográficos é que o movimento anarquista foi, de fato, um movimento evidentemente forte, bem articulado, apesar de todas as probabilidades de fracasso eventual em seu início devido às múltiplas correntes que aderiram às causas que considero centrais para as correntes, pois as mesmas enfrentavam “inimigos” comuns, como os patrões, a Igreja e o Estado.

A partir da Revolução Russa, muitos anarco-sindicalistas ficaram ainda mais entusiasmados com o que acreditavam ser um sucesso das práticas libertárias. Entretanto tal fato só iria acentuar ainda mais a perseguição aos libertários, pois, havia o temor que a onda de revoluções pudesse se alastrar na Europa Ocidental e chegar, quem sabe, ao Brasil.

2.4 Como o Anarquismo foi relegado às margens da História?

Os impactos da Revolução Russa foram sentidos no Brasil e muitos entusiastas pensaram ser um momento propício no Brasil também, entretanto os rumos do anarco-sindicalismo e o comunismo russo só teriam aproximação mais tarde, como explica Edgar Rodrigues:

Em 1921, Edgard Leuenroth foi procurado na redação do “Vanguarda” pelo delegado da Terceira Internacional para países de língua portuguesa e espanhola, Renison Soubiroff[...]Soubiroff exibiu credencial, bordada em seda vermelha, dentro de forro da manga e convidou Edgard Leuenroth para fundar o Partido Comunista no Brasil. Leuenroth recusou e indicou-lhe Astrojildo Pereira. Chamou-o do Rio de Janeiro e fez as apresentações [...] Em março de 1922, um congresso formalizava o nascimento do Partido Comunista Brasileiro (RODRIGUES, 1996, p.10).

Pouco tempo depois Leuenroth ficou doente e foi internado em um sanatório em São Paulo e ainda de acordo com Edgar Rodrigues: [...] João da Costa Pimenta, num golpe típico dos 10 leninistas, roubou o acervo, inclusive as “máquinas”, entregando-as ao P.C.B., que nascia com sua ajuda, fundado por onze anarquistas e um socialista, deixando todos os libertários que contribuíram com seus tostões a ver navios (Rodrigues, 1996:10).

Em meio às conturbações sociais, o movimento anarco-sindicalista parecia mais dividido que antes, pois os libertários não consentiam na forma de agir do Partido Comunista, nem mesmo aceitavam a formação de partidos, pois entendiam, que os partidos são variações do absolutismo, conforme máxima de Proudhon ainda em meados do século XIX. Entretanto, Edgar Rodrigues relata as formas de abordagem do Partido Comunista ao operariado:

A partir desta época, os comunistas começaram a levar a cabo sua política sistemática de infiltração e de assalto aos sindicatos livres ainda em funcionamento como o dos Sapateiros, Construção Civil e Tecelões (todos no Rio). Envolveram-se em luta corporal com os anarco-sindicalistas e anarquistas, em uma noite roubaram o acervo do Sindicato dos Sapateiros, na Rua José Maurício. O desfecho foi o assassinato do anarquista Antônio Dominguez (sapateiro), do gráfico Damião, além de doze feridos [...] Pedro Bastos e Galileu Sanchez foram os autores dos tiros, e os autores intelectuais Astrojildo Pereira, Otávio Brandão, João da Costa Pimenta e o deputado pelo P.C.B., Azevedo Lima (Rodrigues, 1996:11).

Em meio a conturbações políticas, revoltas militares e dissensões entre anarquistas e comunistas, o Governo de Artur Bernardes aproveitou para deportar os opositores, libertários e en-

carcerá-los na Prisão de Clevelândia do Norte no Oiapoque-AP, além de fechar os sindicatos e proibir os jornais anarquistas de circular. Edgar Rodrigues afirma que o movimento passou a declinar com as dissensões e proibição dos sindicatos, que seriam reabertos sob um novo modelo, por Vargas:

A partir de então surge uma lacuna histórica em que o anarquismo no Brasil vai para as margens da história, as conquistas, avanços e tentativas de melhorias do operariado no início do século XX são enublados, como aponta Osvaldo Rodrigues Júnior. Para além dos escritos superficiais sobre o operariado brasileiro, a produção militante surge como os primeiros estudos sobre o movimento operário brasileiro de forma mais sistemática e “historiográfica”. Composta por sindicalistas e ativistas políticos de esquerda, jornalistas e advogados vinculados a movimentos sociais [...] (Rodrigues Júnior, 2007:7).

Igualmente corrobora à ideia de Osvaldo Rodrigues, Endrica Geraldo, segundo a qual:

A historiografia a respeito do movimento anarquista no Brasil limitou-se, até pouco anos atrás, ao estudo de sua influência junto às organizações operárias nas duas primeiras décadas deste século. Com afastamento entre anarquismo e as organizações de classe no final dos anos 20 e começo dos 30, o movimento anarquista passou a ser considerado extinto e “superado” por outros movimentos de esquerda, principalmente pelo comunismo [...] (GERALDO, 1998, p.1).

Um dos âmbitos em que se desenvolve uma pesquisa intensa de resgate histórico é o da imprensa libertária, entretanto Edgar Rodrigues aponta imperfeições na forma como se pesquisa as fontes primárias dos periódicos anarquistas e critica a historiografia tradicional:

A própria pesquisa histórica em cima dessa imprensa é feita sem qualquer sentido de objetividade ou de verdade. Esses “historiadores”, muitas vezes, o que não conseguem ocultar, falsificam, conseguindo o feito de passar por muitas décadas de movimento operário e imprensa social, quase sem lhes reconhecer a existência. Para eles, o movimento operário só passou a existir quando, de alguma forma, começou a ser domesticado pela burocracia do estado dirigido por essa vanguarda detentora da verdade histórica: o Partido Comunista [...] estes “historiadores, invariavelmente, concluem o pré-concebido: “as ideias anarquistas não estavam adequadas à realidade brasileira”, “a imprensa operária do começo do século era lida por alguns imigrantes, etc, [...]” (RODRIGUES, 1996, p.12).

O fato inquestionável é que o anarquismo perdeu força, por conta das circunstâncias históricas apontadas por Edgar Rodrigues, uma sucessão de revezes, entre dissensões, perseguições, represões e panorama político mundial bipolar entre capitalismo e socialismo real, foram aos poucos e progressivamente atuando contra uma doutrina que nasceu concomitante à que se tornaria uma hegemonia efêmera no leste europeu.

3 Considerações finais

Ao longo da história, percebemos que muitas “histórias”, são contadas a partir do ponto de vista de um grupo hegemônico, com o movimento anarquista no Brasil não poderia ser diferente, pois há dados suficientes para reescrever a história do Brasil de meados do século XIX até o início da era Vargas, entretanto tal tarefa não cabe aos “historiadores” oficiais, é uma tarefa que vem sendo abraçada e uma história oculta vem sendo desvelada a partir da década de 1950, com a chegada de Edgar Rodrigues, português que em muito contribuiu para esse novo olhar sobre uma velha história no anarquismo no Brasil.

Relendo muitos artigos e livros é incontestável a importância do referido autor para a compreensão do que foi o movimento anarquista no país, principalmente no período conhecido como República Velha. Também evidente que as motivações para relegar às margens da história, como ele mesmo aponta foram, a “história oficial” e a hegemonia do partido comunista, mentora intelectual de muitos historiadores ditos “marxistas”.

Esses fatores combinados foram responsáveis por quase obliterar da memória historiográfica o movimento anarquista, bem como suas realizações, contribuições e influências durante os primeiros anos da nascente república.

Podemos assinalar também que várias propostas e empenhos de resgatar a memória histórica do movimento anarquista estão resultando frutíferos a partir de 1970, o que abre o precedente para que, dentro de pouco tempo, muitos relatos surjam e sejam revistos à luz da ciência, e; para que não só o movimento anarquista, mas também outras lutas sejam igualmente reconhecidas.

Compreender os fatos históricos não é tarefa fácil; analisá-los, menos ainda, entretanto só podemos compreender-nos melhor, enquanto sociedade, quando podemos partir de fatos históricos verossímeis, não uma história deturpada que serviu para alienar às massas por tanto tempo, pois raras são as menções à anarquia em livros didáticos; pois governos no Brasil tinham orientação positivista e atualmente temos um de orientação “marxista”, assim como os demais, este, não tem i-

senção científica e também não demonstra compromisso com educação libertária, uma das bandeiras do anarquismo; portanto apenas reproduz a historiografia tradicional, convenientemente.

Romper com esse estado de reificação de inverdades históricas deve ser o compromisso de todo cientista social, para que não se incorra no erro do reducionismo, pois “contar história” é fácil, analisar é o desafio que todo cientista social comprometido com a ciência deve enfrentar.

Referências:

GERALDO, Endrica. “Práticas Libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951)”, 1998; disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/109/115> Acessado em 15/10/2013

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. “Imigrantes Portugueses: Anarquistas e Comunistas sob o Olhar do DEOPS”, 2008; disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Maria%20Aparecida%20Macedo%20Pascal.pdf>> Acessado em 15/10/2013

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. “Anarquismo e Comunismo sob o Olhar do DEOPS”. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História; Fortaleza, 2009, disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0165.pdf>> Acessado em 15/10/2013

RODRIGUES, Edgar. “Pequena História da Imprensa Social no Brasil”. Rio de Janeiro, 1996; disponível em: <<http://recollectionbooks.com/bleed/Encyclopedia/ArchiveMirror/ArquivoDeHist%F3riaSocialEdgarRodrigues/PEQUENA%20HIST%20DA%20IMPrensa%20SOCIAL%20NO%20BRASIL.htm>> Acessado em 15/10/2013

RODRIGUES JÚNIOR, Osvaldo. “Representações do Anarquismo na historiografia do Movimento Operário Brasileiro”, 2007; disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2007/2_sem_2007/resumos/osvaldo_rodrigues_junior.pdf> Acessado em 15/10/2013

WOODCOCK, George. “História das Ideias e Movimentos Anarquistas: A Ideia”, tradução de Júlia Tettamanzy. L&PM, v.1, Porto Alegre, 2007.